



SÓCRATES E OS SOFISTAS DO SÉCULO XXI.

Bernardo Veiga de Oliveira Alves – Universidade Federal do Rio de Janeiro¹.

Resumo: O filósofo estruturalista Jacques Derrida propõe uma visão de mundo que nega a possibilidade de adquirir a verdade. Ele se mostra semelhante ao sofista Górgias, mas utiliza argumentos mais complexos retirados da Lingüística de Ferdinand de Saussure. Para contra-argumentar com Derrida é necessário explorar as premissas socráticas que defendem a existência da verdade e da essência das coisas. E, como ataque ao relativismo, é necessário salientar a sua forma incoerente, pela impossibilidade da sustentação de um modelo que negue a verdade e se proponha, de alguma forma, como verdadeiro.

Palavras-chave: Sócrates, Sofistas, Derrida, Estruturalismo, Logocentrismo

Abstract: The structuralist philosopher, Jacques Derrida, suggests one view of the world that denies the possibility to get the truth. His world's perspective is similar to the one written by the sophist Gorgias, although Derrida uses more complex arguments from the Ferdinand de Saussure's linguistic. To dialog with Derrida is necessary to explore the socratic's premises which defends the existence of the truth and the essence of the things. And, as an attack against the relativism, it is important to underline his incoherent structure. That is a result of the impossible support to a model that denies the truth and shows itself, by anyway, as true.

Keywords: Sócrates, Sophists, Derrida, Structuralism, Logocentrism.

1. DIFERENÇA ENTRE SÓCRATES E OS SOFISTAS

O pensamento socrático é fundamentalmente caracterizado pela busca da verdade (*logos*), o que faz de Sócrates o expoente máximo da defesa do saber autêntico. Ao contrário dessa visão os sofistas professavam um conhecimento aparente e não efetivo que visava ao lucro e não à desinteressada busca pela verdade².

O forte ataque socrático está direcionado à retórica sofística³, ligada não à verdade, mas ao verossímil, àquilo que se assemelha e passa por verdade. O

¹ Graduando da Faculdade de Jornalismo da UFRJ. Este trabalho foi premiado internacionalmente (Itália) num encontro de jovens universitários.

² REALE, G. *História da Filosofia - Antigüidade e Idade Média*. Volume I. 9ª ed. São Paulo: Editora Paulus, 2005, p. 73.

³ Posteriormente será chamada de *dialética crítica* por Schopenhauer (*Arte de ter razão*. 2º ed., São Paulo: Martins Fontes, 2005).

que importa ao sofista é justamente o convencimento. A verdade se afigura como um acidente; é possível, mas de forma alguma é necessária. E somente será possível se for conveniente na persuasão, como afirma Sócrates a Górgias: “Se bem te compreendi, afirmaste ser a retórica a mestra da persuasão, e que todo o seu esforço e exclusiva finalidade visa apenas a esse objetivo⁴.” Convencer é a arte da retórica.

Os sofistas baseavam intelectualmente a sua retórica em dois tipos de afirmações que procuravam anular o valor da verdade. Górgias procurava acentuar a debilidade humana para conhecer, deixando a busca pela verdade uma ação vã: “Nada existe; se existe, não pode ser conhecido; se conhecido não pode ser transmitido⁵.” Nesse discurso o sofista procura revelar a impossibilidade da existência, do conhecimento ou da comunicabilidade da verdade. Tenta, de alguma forma, admitir a existência da verdade, mas esta não seria alcançada, por causa da deficiência humana, que impossibilitaria tanto a aquisição, quanto a sua transmissão.

Protágoras procura, por outro lado, elevar o homem de tal forma que a própria verdade seria fruto, ou construção puramente humana. Ganhou fama justamente por esta frase: “o homem é a medida de todas as coisas, da existência das que existem e da não existência das que não existem⁶.” Para Protágoras o homem⁷ é o centro do universo. Todos os juízos implicam em uma afirmação verdadeira, independente da contradição, pois o próprio também diz: “em torno de cada coisa há 2 raciocínios que se contrapõem⁸.” A possibilidade de defender argumentos contraditórios, perfeitamente construídos, implicaria humanamente na construção de qualquer argumento que poderia defender qualquer tese.

Tanto a debilidade humana defendida por Górgias, quanto a elevação indevida por Protágoras resultam na desvinculação da busca pela verdade. Com o primeiro a verdade é praticamente inacessível; com o segundo ela só é acessível e admitida através da sua pluralidade, na coexistência dos contraditórios. Ambos podem conduzir, de forma rápida e direta a um relativismo universal.

⁴ PLATÃO, *Górgias*. 2ª ed. Belém: Editora UFPA, 2002, 453a.

⁵ MARTINS, I.G.F. *Manual esquemático de história da filosofia*. 3ª ed. São Paulo: Editora LTR, 2004, p. 28.

⁶ PLATÃO, *Teeteto*. 3ª ed. Belém: Editora UFPA, 2001, 152a.

⁷ Deve-se entender o conceito “homem” de Protágoras no sentido do homem em particular, o que implica necessariamente um relativismo.

⁸ MARTINS, I.G.F. *Manual esquemático de história da filosofia*. Op. cit. p. 28.

2. A LINGÜÍSTICA DE FERDINAND DE SAUSSURE

Ferdinand de Saussure é considerado por muitos o pai do estruturalismo por ser o fundador da lingüística moderna, base dessa corrente filosófica. O autor procurou sobretudo fundamentar o princípio da *arbitrariedade do signo* ao dizer que “o laço que une o significante⁹ ao significado¹⁰ é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo lingüístico é arbitrário*.”¹¹ Assim a idéia de “chair” não está ligada por relação alguma interior à seqüência de sons c-h-a-i-r que lhe serve de significante: poderia ser representada igualmente por outra seqüência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes; por exemplo: a palavra francesa *tissu* (“pano”) tem por significante *tisy* e a palavra italiana do mesmo significado *panno* tem por significante *p'Anu*.

Um outro ponto que Saussure procura salientar é o da língua como um sistema no qual o sentido de cada palavra é a diferença entre ela e todas as outras:

“Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua características mais exata é ser o que os outros não são¹².”

Assim sendo, a justificativa da existência de um signo é interna ao sistema, uma vez que o primeiro foi gerado pelo segundo. Considera-se que este ponto está diretamente relacionado com o primeiro, uma vez que a arbitrariedade do signo resulta necessariamente no seu porquê estrutural. *A priori* ao sistema o signo é arbitrário, mas após a sua criação no sistema e a associação a um conceito, ele se justifica neste sistema. Quando já admitido que a palavra *árvore* remete ao conceito árvore, quer dizer que a razão do signo árvore é a diferença

⁹ Ou, segundo Saussure, *imagem acústica*: impressão psíquica do som da representação de um signo.

¹⁰ Ou, segundo Saussure, *conceito* o que é da representação de um signo.

¹¹ SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. 27ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006, p. 81.

¹² *Ibidem*, p. 136.

entre os outros termos, isto é, não ser os outros, como *mesa*, *cachorro*, *andar* etc. O signo é um dado do sistema que se impõe pela estrutura lingüística.¹³

3. A INTERPRETAÇÃO DE SAUSSURE POR JACQUES DERRIDA

Jacques Derrida se notabilizou pelo desenvolvimento da teoria da desconstrução, a partir do pensamento de Saussure. Derrida procurou levar até as últimas conseqüências o pensamento do filósofo, procurando aplicar as premissas da lingüística moderna em todo universo das ciências e dos seus postulados. O desconstrucionismo¹⁴ admite que a língua é um sistema de diferenças entre signos, da mesma forma que Saussure, mas afirma categoricamente que ela não tem referência a qualquer significado externo. Todo o pensamento humano, o que se diz, o que se escreve é apenas a exploração das possibilidades internas do sistema. Não é possível afirmar a realidade, os fatos etc., porque somente é possível afirmar sobre o sistema lingüístico dentro dele mesmo.

O filósofo procura abandonar toda noção de verdade, nascida do *logos*, com a visão de uma nova “racionalidade”, inaugurada pelo seu estruturalismo, como afirma:

“A ‘racionalidade’ – mas talvez fosse preciso abandonar esta palavra, pela razão que aparecerá no final desta frase –, que comanda a escritura assim ampliada e radicalizada, não é mais nascida de um *logos* e inaugura a destruição, não a demolição, mas a de-sedimentação, a desconstrução de todas as significações que brotam da significação de *logos*. Em especial a significação de *verdade*”¹⁵

¹³ Acreditamos que nesses dois pontos Saussure foi erroneamente interpretado pelos estruturalistas posteriores, sobretudo por Jaques Derrida (como veremos). Eles exageraram a amplitude dessas premissas lingüísticas para outras ciências, pervertendo o seu sentido original, levando a um relativismo sem referência à realidade. Essa má interpretação é evidente justamente no texto de Saussure: “Quando afirmo simplesmente que uma palavra significa alguma coisa, quando me atenho à associação da imagem acústica com o conceito, faço uma operação que pode, em certa medida, ser exata e dar uma idéia da realidade; mas em nenhum caso exprime o fato lingüístico na sua essência e na sua amplitude” (SAUSSURE, Ferdinand de, *Curso de Lingüística Geral*, São Paulo, SP, editora Cultrix, 27ª ed., 2006, p. 136) Derrida passará da arbitrariedade do signo para a arbitrariedade do conceito.

¹⁴ Ou teoria da desconstrução.

¹⁵ DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, São Paulo, SP, editora Perspectiva, 2ªed., 2006, p. 13.

A relação do discurso com a realidade é interrompida, implicando necessariamente na negação da verdade. O que existe, que está ao alcance do pensamento humano, é a “escritura”, “textos” ou “discursos”, mas, como não há realidade externa de onde seriam retirados os discursos, não tem sentido falar de discursos verdadeiros ou falsos. Sem representação da realidade não há verdade no discurso.

O autor corrobora a premissa de Saussure: “Por vezes, contestou-se que a fala fosse uma vestimenta para o pensamento. Husserl, Saussure, Lavelle não deixaram de fazê-lo.”¹⁶ ¹⁷ Para Derrida a linguagem e o pensamento não possuem vínculo, não existe uma vestimenta¹⁸ do pensamento, porque o que expressaria o pensamento, de fato, expressa somente o que o sistema expressa. O sistema lingüístico não é apenas o que limita o pensamento, mas é aquilo que impossibilita um pensamento fora do sistema:

“E, entretanto, se a leitura¹⁹ não deve contentar-se em reduplicar o texto, não pode legitimamente transgredir o texto em direção a algo que não ele, em direção a um referente (realidade metafísica, histórica, psicobiográfica etc.) ou em direção a um significado fora de texto cujo conteúdo poderia dar-se, teria podido dar-se fora da língua, isto é, no sentido que aqui damos a esta palavra, fora da escritura em geral. Daí por que as considerações metodológicas que aqui arriscamos sobre um exemplo são estreitamente dependentes das proposições gerais que elaboramos mais acima, quanto a ausência do referente ou do significado transcendental. *Não há fora-de-texto.*”²⁰

Como o sistema não tem relação com a realidade, mas somente com ele mesmo, surge uma espécie de abismo entre o pensamento, o sistema e a realidade; por isso não há nada fora da escritura, *não há fora-de-texto*.

O que Derrida pretende fazer é o total encerramento da verdade como *logos*.

¹⁶ Vamos sobretudo nos deter na análise em Saussure

¹⁷ DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, São Paulo, SP, editora Perspectiva, 2ªed., 2006, p. 42 e 43.

¹⁸ com o seguinte sentido: representar, mostrar.

¹⁹ com o seguinte sentido: ato de interpretar o sistema.

²⁰ DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, São Paulo, SP, editora Perspectiva, 2ªed., 2006, p. 194.

“A *história da metafísica* que, apesar de todas as diferenças e não apenas de Platão a Hegel (passando até por Leibniz), mas também, fora dos limites aparentes, dos pré-socráticos a Heidegger, sempre atribuiu ao *logos* a origem da verdade em geral: a história da verdade, da verdade da verdade, foi sempre, com a ressalva de uma excursão metafórica de que deveremos dar conta, o rebaixamento da escritura e seu recalçamento fora da fala ‘plena’²¹.”

Esse “rebaixamento da escritura” consiste em relacioná-la a um objeto inexistente, a verdade.

Ao que está relacionado à defesa de uma verdade existente e alcançável ele deu o nome de logocentrismo:

“É este logocentrismo que, ao limitar através de uma má abstração o sistema interno de língua em geral, impede a Saussure e à maior parte de seus sucessores a determinação plena e explícita do que tem como nome ‘o objeto integral e concreto da lingüística’” (p. 16)²².

O logocentrismo seria um erro, porque ele desconsideraria o poder do sistema, que limita e determina a ciência e a possibilidade de uma ciência. Nesta concepção a existência da verdade prevalece sobre a existência de um sistema soberano à realidade, a lingüística. O logocentrismo buscaria uma suposta verdade por meios ineficazes, porque o sistema, fechado em si mesmo, impossibilitaria essa busca. Ao logocentrismo Derrida identifica o que ele chama de “metafísica da presença” que seria a concepção da realidade dos entes. A visão dessa metafísica justificaria a admissão do logocentrismo, uma vez que existiria o objeto, o logos. “Identificamos o logocentrismo e a metafísica da presença como o desejo exigente, potente, sistemático e irreprímível, de um tal significado.”²³ A união da existência de um logos e da realidade dos entes permite a busca de um significado, que seria exatamente fruto dessa relação do pensamento com os entes. Mas isso é impossível, pois justamente o sistema nega essa possibilidade. Não há ponte. Embora possa até, de alguma forma, existir os entes e o pensamento – que Derrida não questiona diretamente –, o problema é o sistema que não possui vínculo com o real. A metafísica da presença não é suficiente para alcançar a realidade,

²¹ DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, São Paulo, SP, editora Perspectiva, 2ªed., 2006, p. 4.

²² DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, São Paulo, SP, editora Perspectiva, 2ªed., 2006, p. 53.

²³ DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, São Paulo, SP, editora Perspectiva, 2ªed., 2006, p. 60.

porque, além do limite do sistema, ela também é uma espécie de ciência que foi produzida nos moldes errôneos de uma visão distorcida, diferente da lingüística de Saussure.²⁴

4. O ESTRUTURALISMO DE DERRIDA COMO SOFISTA DO SÉCULO XXI

A base da filosofia de Derrida se caracteriza pela adesão, direta ou indiretamente, ao pensamento de Górgias²⁵. De forma um pouco primitiva – em relação ao estruturalismo – o sofista tenta justificar a impossibilidade da comunicação:

“Como (...) alguém poderia expressar com a *palavra* o que *vê*? Ou como isso poderia tornar-se manifesto para quem o escuta sem tê-lo visto? Com efeito, assim como a vista não conhece sons, o ouvido não ouve as cores, mas os sons; e diz o certo quem diz, mas não diz uma cor nem uma experiência.”²⁶

O relativismo de Górgias, na verdade, é o embrião do estruturalismo. O que ele entende por palavra, Derrida dirá que é o sistema lingüístico de

²⁴ Obtida essa conclusão, o filósofo interpreta-a em sentido nietzscheano, uma vez que, se o discurso não representa a realidade, de fato ele é a expressão da “vontade de poder”. Derrida tira uma série de conclusões da manifestação do poder do “eu” de forma instável, como afirma o filósofo Olavo de Carvalho: “a idéia de um eu estável e autoconsciente é ela própria uma representação da realidade. Como nenhuma representação da realidade pode funcionar, o eu também não existe: só o que existe é o ato de poder que cria uma ficção chamada ‘eu’. Se a língua estava totalmente separada da realidade por ser apenas um sistema de diferenças, o desconstrucionista vai agora separá-la do próprio sujeito pensante, acrescentando à mera *differérence* a *différance*, com a, termo criado por Derrida para designar o intervalo de tempo entre o sujeito como autor do discurso e o mesmo sujeito considerado enquanto assunto do discurso. [...] o eu do qual você fala não é nunca o eu que está falando. [...] Diga você o que disser, ou pense o que pensar, será sempre uma ausência falando de outra ausência. Se o eu não existe e o objeto que ele pensa também não existe, só o que existe é o ato de poder que cria uma ficção chamada ‘eu’ e outra ficção chamada ‘objeto’.” (O *sucesso* do *fracasso*, <http://www.midiasemmascara.com.br/artigo.php?sid=5410&language=pt>) Não queremos nos aprofundar nas conclusões de Jacques Derrida, como fizera Olavo. A nossa atenção se deterá sobretudo nas suas conclusões retiradas de Saussure.

²⁵ Em relação a Protágoras, Derrida não usa o seu pensamento como base, apesar de também gerar, por consequência, o relativismo do homem como medida de todas as coisas.

²⁶ REALE, Giovanni, *História da Filosofia - Antigüidade e Idade Média – volume I*, São Paulo, SP, editora Paulus, 9ª ed., 2005, p. 78 e 79.

Saussure. Se a palavra só expressa ela mesma, o sistema também só fala de si próprio. A *palavra* de Górgias é o *sistema* de Derrida.

Mas esse sistema engloba em muitos aspectos essa palavra de Górgias, porque aquele se refere a todo o universo dos signos. A palavra é somente uma dessas possibilidades. Portanto, para o estruturalista o sistema é soberano, abarca um maior número de elementos e justifica a sua existência na lingüística moderna de Saussure. É tão superior que transcende à capacidade humana de alcançar a verdade. Parece que, de uma certa forma, Derrida penetra no pensamento do sofista e o complementa encontrando aquilo que justificaria todo o relativismo. O sistema é a comunicação que não se dá, a verdade que não se revela; é a estrutura que sustenta a negação do logos.

Como os novos tempos exigem uma nova comunicação, ao contrário da propagação exclusiva da *Polis* grega, o estruturalismo se manifesta sobretudo nas universidades. Assim sendo o sofista do século XXI possui ares acadêmicos, que se revestem de uma imagem iluminista, contra o que seria *os preconceitos de uma visão logocêntrica*. Essa corrente estrutura o pensamento sofista, fornece uma construção ideológica e fortalece os seus argumentos. Diferente de um repúdio histórico²⁷ aos sofistas, o estruturalismo é a consagração máxima desse pensamento.

5. SÓCRATES E DERRIDA

Sócrates é um dos maiores representantes do logocentrismo definido por Derrida. O ataque socrático aos sofistas pode ser aplicado ao estruturalista, uma vez que ambos possuem as mesmas bases (p. 6). E justamente “foi Sócrates quem salvou o pensamento grego do perigo mortal em que o colocava a sofística. (...) procurou soerguer a razão orientando-a para a verdade, isto é, para aquilo para o qual ela foi feita²⁸.” Mas como Sócrates contra-argumentaria com Derrida?

Ele poderia começar pelo ataque à forma, relacionado à própria base do estruturalismo. Derrida se mostra como um grande adversário da visão logocêntrica, que defende uma verdade, mas o próprio a ataca como se fosse a maior mentira. Como é possível atacar qualquer mentira sem defender nenhuma verdade? Pior do que dizer que todos podem estar errados, menos aquele que aponta o erro, com efeito, é dizer que necessariamente todos estão errados, o que implica, também necessariamente, no erro de quem acusa. O

²⁷ REALE, Giovanni, *História da Filosofia - Antiguidade e Idade Média - volume I*, São Paulo, SP, editora Paulus, 9ª ed, 2005, p. 73.

²⁸ MARITAIN, Jacques, *Introdução geral à filosofia - elementos de filosofia 1*, Rio de Janeiro, RJ, editora Agir, 15ª ed, 1987, p. 47.

estruturalista cai no erro da auto-referência de todo relativista, pois o que vale para os outros também deve valer para si mesmo. Ele se cansa de atacar os outros, mas não consegue reparar que ele é alvo dos próprios ataques.

Em relação ao sistema, que impede a aquisição da verdade por ser superior à capacidade humana, é necessário se perguntar como Derrida adquiriu tal conhecimento. Ao menos que tenha tido uma experiência mística, o estruturalista teve que usar da língua para se comunicar e adquirir o que defende. Mas, ora, como é possível adquirir o conhecimento se o sistema impede a sua própria aquisição. O que invalida o conhecimento da “metafísica de presença” também anula a verdade sobre o conhecimento do sistema e sobre as conseqüências, como um relativismo universal.

Inicialmente o problema de Derrida se mostra de duas formas: o ataque a toda verdade (inclusive ao próprio, indiretamente), e a superioridade do sistema perante a inteligência. No primeiro ocorre a impossibilidade da afirmação generalizada da negação da verdade; no segundo a impossibilidade da aquisição do conhecimento do primeiro. O primeiro ataca Derrida em relação à contradição dos fins do seu pensamento; o segundo ataca os meios para tal aquisição. Ambos negam diretamente o estruturalista, dentro das bases da sua filosofia.

O logocentrismo de Sócrates se baseia na busca da essência²⁹ das coisas e na admissão da verdade e do erro³⁰. Por essência deve se entender o que a coisa é, o que seria a verdade da coisa; por outro lado o erro e a falsidade são o que a coisa não é. O relativismo de Derrida impossibilita a afirmação da essência das coisas, porque a língua só se estende por ela mesma. Tanto a verdade quanto o erro são irrelevantes para o estruturalista, pois eles são as mesmas coisas, uma vez que provêm da mesma visão logocêntrica. São, de fato, afirmações sobre a realidade que se assemelham com o que seria falso ou verdadeiro dessa visão.

Por isso que para Derrida afirmar qualquer coisa e tentar salvar o seu relativismo, ele deveria, de alguma forma que aparentemente é impossível, sair da realidade e proferir juízos que transcenderiam ao universo lingüístico. Mas o maior problema, de onde provém a contradição definitiva, é a própria afirmação do filósofo de que “*Não há fora-de-texto*”. (p. 4) O estruturalista, ao concluir que não há logos – pois só há o que está *dentro-do-texto* – por causa da

²⁹ Sócrates “procura responder à questão: ‘O que é a natureza ou realidade última do homem?’, ou seja, ‘o que é a essência do homem?’” (REALE, Giovanni, *História da Filosofia - Antiguidade e Idade Média - volume I*, São Paulo, SP, editora Paulus, 9ª ed, 2005, p. 87.)

³⁰ “Em qualquer hipótese, o que se conclui é que nas opiniões dos homens não há só verdade, porém as duas coisas: verdades e erros” (PLATÃO, *Teeteto*, PA, Belém, Editora UFPA, 3ª edição, 2001, 170c.)

superioridade do sistema, deveria também afirmar que tudo sobre o sistema não é verdadeiro. Então, em função da superioridade do sistema – que resulta na negação da verdade – também não é possível dizer que ele é superior. O estruturalismo vai contra a própria estrutura do sistema, porque ele é a parte de um todo da realidade. O sistema é real, logo não pode ser verdadeiro. Portanto é impossível afirmar qualquer coisa sem admitir a possibilidade do que Derrida chama da “metafísica da presença”, sem admitir o logos, a verdade e a essência.

6. CONCLUSÃO

O relativismo de Derrida tem as suas bases na antiguidade, nos sofistas e, sobretudo, em Górgias. O que o estruturalista interpreta em Saussure também possui forte relação com a antiguidade, pois o relativismo que aponta no linguista é também semelhante ao dos sofistas. A diferença é o desenvolvimento da argumentação.

O ataque de Sócrates aos sofistas da sua época parece ser mais simples porque os antigos argumentos eram, além de simples de compreender, simples para contra-argumentar. Contudo o estruturalismo de Derrida se mostra mais complexo tanto na crítica à verdade, quanto na sua própria forma. Não é evidente a sua contradição, pelo contrário, é complexa. A própria história deve ter ensinado uma nova arte sofística. Não basta negar a verdade, mas deve-se confusamente negar a verdade, o que dificultará a contra-argumentação, pois ninguém ataca racionalmente o que não compreende. A inovação da sofística deste século é justamente a nova forma de dizer a mesma coisa. O que Derrida chama de “escritura”, “sistema”, “texto”, Górgias chamava de “palavra”. O que o estruturalista chama de logocentrismo, o sofista chama de defesa da verdade.

Mas, sobretudo, o grande problema, que fica encoberto, dos sofistas, novos ou antigos, é a implicação no relativismo moral. Por isso que se faz necessário o reconhecimento e o ataque ao relativismo intelectual, pois o pensamento implica na forma de agir. Além disso, muitos até afirmam que Sócrates não era um metafísico, mas um médico das almas³¹, pois a finalidade era retirar a alma da ignorância e conceder a liberdade para retamente agir.

Para a compreensão das implicações morais do novo sofisma de Derrida é necessário um estudo mais aprofundado sobre a questão ética, que precisaria, além de Sócrates, de outros filósofos com um estudo mais desenvolvido nessa área, como por exemplo, Aristóteles. Contudo, todo estudo sobre a

³¹ MARITAIN, Jacques, *Introdução geral à filosofia – elementos de filosofia 1*, Rio de Janeiro, RJ, editora Agir, 15ª ed., 1987, p. 48.



moralidade não deve ignorar o desenvolvimento do argumento no intelecto, lembrando que por trás de todo relativismo moral existe sempre um relativismo intelectual.

Referências bibliográficas

PLATÃO, *Górgias*, PA, Belém, Editora UFPA, 2ª edição, 2002.

PLATÃO, Teeteto, PA, Belém, Editora UFPA, 3ª edição, 2001,

SCHOPENHAUER, *Arte de ter razão*, São Paulo, SP, Martins Fontes, 2ª edição, 2005.

MARTINS, Ives Gandra Filho, *Manual esquemático de história da filosofia*, São Paulo, SP, editora LTR, 3ª ed., 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de, *Curso de Linguística Geral*, São Paulo, SP, editora Cultrix, 27ª ed., 2006.

DERRIDA, Jacques, *Gramatologia*, São Paulo, SP, editora Perspectiva, 2ªed., 2006.

REALE, Giovanni, *História da Filosofia - Antigüidade e Idade Média – volume I*, São Paulo, SP, editora Paulus, 9ª ed., 2005.

MARITAIN, Jacques, *Introdução geral à filosofia – elementos de filosofia 1*, Rio de Janeiro, RJ, editora Agir, 15ª ed., 1987.

Site

CARVALHO, Olavo de, *O sucesso do fracasso*,

<http://www.midiasemmascara.com.br/artigo.php?sid=5410&language=pt>